

O COTIDIANO DE UMA CIDADE VIOLENTA: REPRESENTAÇÕES DE LUZIÂNIA SEGUNDO OS ALUNOS DO IFG

Ananda Soares e Melo Pulga¹

Rayanne Lisboa de Oliveira²

Caroline Soares Santos³

Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto⁴

¹Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Luziânia/Técnico Integral em Química - ananda.pulga@hotmail.com

²Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Luziânia/Técnico Integral em Química - rayannelisboa2013@gmail.com

³Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Luziânia/Professora Doutora - carol.politica@gmail.com

⁴Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Luziânia/Professora Mestre - marizangela.bortolo@ifg.edu.br

RESUMO

O projeto tem como objetivo principal identificar e discutir as representações elaboradas da violência em Luziânia pelos alunos do IFG. De acordo com o Mapa da Violência (2013) Luziânia apresenta-se entre os 200 municípios com maiores indicadores de violência homicida do país. Diante de tal cenário, torna-se imprescindível explorar o cotidiano dos alunos tidos como objetos de análise desse projeto. O trabalho justifica-se já que as informações levantadas poderão fomentar estratégias de intervenção a essa realidade pelas instituições de segurança e planejamento municipal. A metodologia consistiu na realização de uma pesquisa exploratória com 309 alunos, onde, de maneira mais aprofundada, realizou-se uma entrevista semiestruturada com 8 alunos para o reconhecimento das representações relacionadas pelos entrevistados sobre a sua cidade. Assim, foram discutidos conceitos e aspectos que definem o objeto de estudo, tais como Violência, o processo de urbanização, representações de risco e insegurança estabelecidos pela população a partir do seu cotidiano. Os resultados mostram que o medo e a insegurança fazem parte do cotidiano de 86% dos alunos. Contudo, chamam a atenção o fato de muitos reconhecerem o papel do Estado e da mídia no estabelecimento desse cenário.

Palavras-chave: Cotidiano, Representações, Cidade Violenta, Luziânia.

INTRODUÇÃO

A violência urbana na atualidade representa uma ameaça cotidiana que tem desencadeado diferentes percepções de risco e insegurança nos indivíduos. Diante desse quadro, a pesquisa significa um importante instrumento de análise na compreensão das representações e expectativas dos alunos para com o seu espaço de vivência.

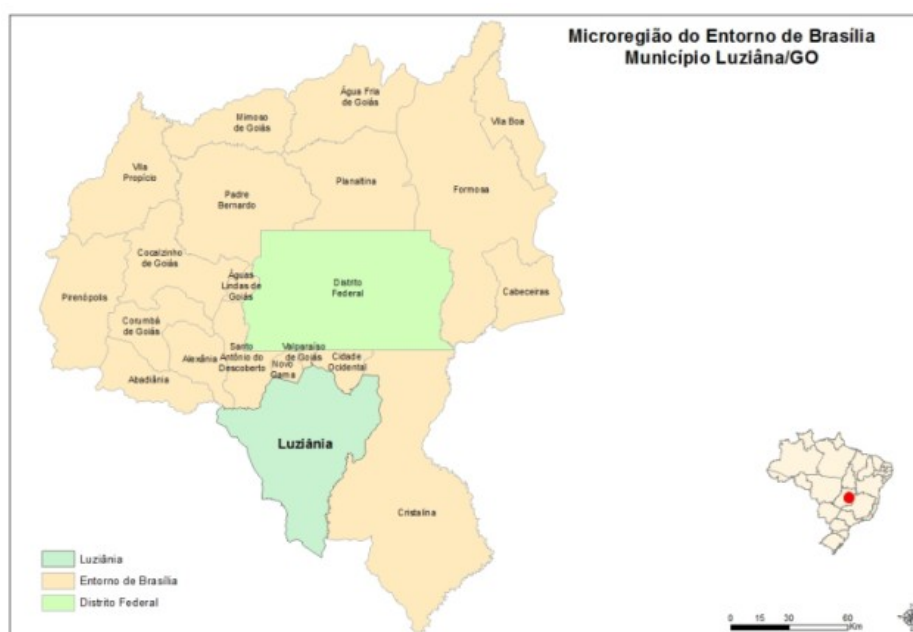
Toma-se o trabalho como uma importante amostra para fins de orientação individual, mas também para apontamentos que possam definir estratégias de intervenção junto aos órgãos de segurança pública e planejamento municipal. O trabalho buscará identificar e discutir as representações elaboradas da violência em Luziânia pelos alunos do Instituto Federal de Goiás

(IFG), a fim de contribuir para o reconhecimento de expectativas que marcam o cotidiano dessa população.

A violência enquanto um fenômeno social é objeto de diferentes representações não sendo possível dimensioná-la de maneira objetiva, podendo ser classificada de acordo com experiências individuais ou coletivas (WHO, 2002). Assim, a compreensão desse quadro em Luziânia deve considerar aspectos da conjuntura interna e que refere-se ao próprio processo de urbanização, que ocorreu de maneira fragmentada e desigual que estabeleceu condições para um conflito gerado em função da configuração de espaços de desigualdade social, econômica e política. A metodologia do trabalho relacionou pesquisas exploratórias e entrevistas semiestruturadas junto aos alunos do IFG, além de levantamento teórico que orientou a análise e reconhecimento do objeto em questão.

1. LUZIÂNIA-GO: DE QUE CIDADE ESTAMOS FALANDO?

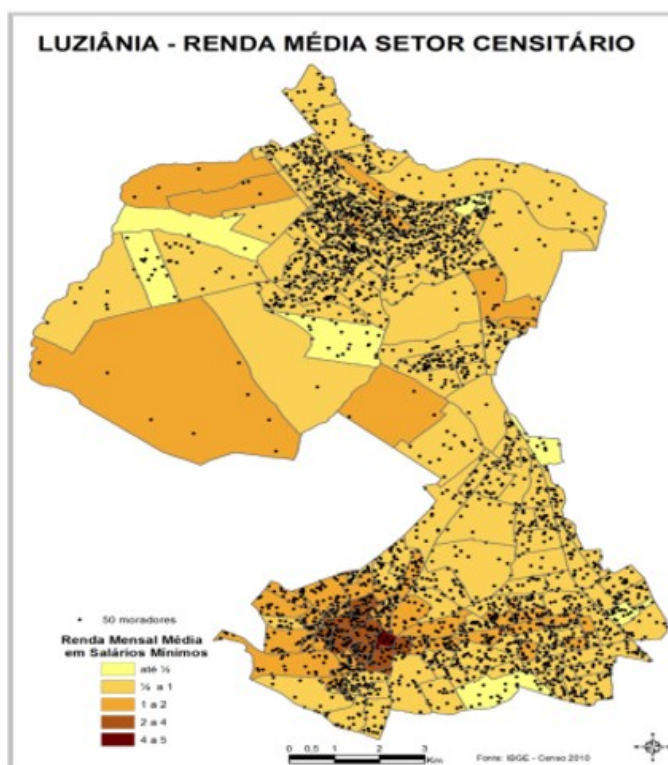
A realidade da violência urbana identificada em Luziânia não a distingue da realidade de muitas cidades brasileiras. O município sofreu transformações espaciais que são resultados de sua localização estratégica em relação à nova Capital, contudo o seu surgimento relaciona o século XVIII: 1746, período em que as suas terras eram importantes áreas de Mineração. O processo de consolidação do espaço urbano relaciona as atividades desencadeadas a partir da construção de Brasília e da expansão da fronteira agrícola com o estabelecimento de um importante parque agroindustrial inserido na microrregião do Entorno do Distrito Federal (Mapa 1). Apesar da participação do município no PIB estadual, atualmente na 9ª posição, o mesmo se destaca pela desigualdade na distribuição de renda e dos equipamentos urbanos e serviços públicos básicos (CENSO, 2010). O município de acordo com a Codeplan (2013) possui 177.501 habitantes, das quais 74,58% constituem uma população com até 39 anos de idade, população que mais sofre com a escalada da violência, dado que exige a implementação de políticas públicas voltadas para a prevenção.



Mapa 1: Localização do Município de Luziânia/GO

Desse modo, o crescimento acelerado e desordenado da cidade estabeleceu condições para uma cidade desigual, que apesar de possuir um alto índice de urbanização de 93,28%, é marcada pela desigualdade no acesso à infraestrutura urbana e serviços públicos básicos. Esse dado pode ser confirmado a partir da análise dos indicadores do Censo (2010) que apontam cerca de 19,94% das moradias possuem condições adequadas¹, enquanto 78,04% são consideradas moradias semiadequadas.

A renda per capita anual do município é de aproximadamente de R\$ 11.904,27, indicador que revela o nível de desigualdade, estando segmentado em dois extremos, área tradicional-antiga e uma área de ocupação mais recente, no eixo próximo à rodovia no Jardim Ingá, que compreende o parque industrial, uma área de expansão urbana com uma renda média domiciliar entre 1 e 2 salários mínimos² (CENSO, 2010), mapa 2.



Fonte: (Censo 2010)

Mapa 2: Distribuição da População de Luziânia -2010

Quanto aos indicadores de escolaridade, a população que declarou não possuir instrução e que possui o ensino fundamental incompleto é cerca de 56,75%, sendo que apenas 4,28% possui o nível superior completo. É importante destacar que a proporção com ensino médio completo ou com superior incompleto representa 22,94%, o que pode se referir a um número

¹ A adequação da moradia foi classificada pelo censo como: Adequada - são aqueles domicílios que têm rede geral de abastecimento de água, rede geral de esgoto ou pluvial ou fossa séptica e coleta de lixo direta ou indireta; Semia-dequada - são aqueles domicílios que atendem de uma a duas características de adequação ou inadequadas - aqueles domicílios que não atendem a nenhuma das condições de adequação.

² Salário mínimo equivalente a R\$ 510,00 na época da pesquisa.

muito baixo de alunos que ao terminar o ensino fundamental seguem para o ensino médio. Aproximadamente 21,2% dos alunos que concluem o Ensino Fundamental chegam a dar prosseguimento aos estudos no Ensino Médio (CENSO, 2010).

Luziânia é o município com os maiores indicadores de homicídios da Área Metropolitana de Brasília (AMB)³, com 105,8 homicídios por 100 mil habitantes, ocupando a 21ª posição no Brasil e a 3ª em GO. Outros sete municípios estão entre os 200 municípios mais violentos do Brasil, são eles: Planaltina de Goiás com 72,4 homicídios por 100 mil habitantes; Cocalzinho de Goiás 67,3; Santo Antônio do Descoberto 66,2; Formosa 65,8; Valparaíso de Goiás 64,9; Águas Lindas de Goiás, 62,7 e Novo Gama com 62,2 homicídios por 100 mil.

Os indicadores de alguns municípios da região também aparecem como destaque quando o tema é o índice de vulnerabilidade à violência referentes à adolescência e juventude. O relatório produzido pela Secretaria da Juventude (2015) aponta três municípios com alta vulnerabilidade à violência juvenil. São eles respectivamente classificados: Luziânia, Formosa e Águas Lindas de Goiás. O estudo considerou quatro dimensões⁴ para definir a posição e observou que houve piora dos dados observados desses municípios entre os anos de 2007 e 2012. Destaca-se que o relatório procurou englobar a dimensão social como eixo fundamental para a definição do indicador “vulnerabilidade à violência”, o que aponta para diferentes áreas e serviços básicos como condição para o estabelecimento de ações de prevenção junto à população entre 12 e 29 anos.

2. LIMITES E POSSIBILIDADES PARA PENSAR A VIOLÊNCIA

A violência enquanto um fenômeno social é objeto de diferentes representações, não sendo possível dimensioná-la de maneira objetiva, podendo ser classificada de acordo com experiências individuais ou coletivas. Para o início da análise buscou-se estabelecer os impasses que envolvem a definição do fenômeno da violência. Verificou-se o quão complexa é a conceituação deste fenômeno, seja pelo seu dinamismo ou pelas múltiplas representações que o compreendem.

De acordo com Porto (2010) não se pode fazer relações isoladas, uma vez que o fenômeno manifesta-se como uma realidade no cotidiano da população, devendo considerar a percepção da violência enquanto realidade e representação social do dia a dia dos indivíduos e das instituições presentes no espaço urbano.

Na tentativa de demonstrar como esse conceito foi sendo resignificado, Michel Misse (2011) perpassa os distintos significados da palavra “violência” ao longo da História. De acordo com o autor há uma grande variação no significado da palavra “violência”, que na língua portuguesa deriva do latim “violentia”, que significa “força que se usa contra o direito e lei”. Violento (violentus) é aquele que age com força impetuosa, excessiva, exagerada. Dessa forma, o emprego retórico da palavra passou a lhe conferir significados cada vez maiores (MISSE, 2011).

³ AMB é constituída pelo Distrito Federal e os municípios goianos de: Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

⁴ Escolaridade, Frequência na escola, Situação de emprego, Pobreza e a Violência entre os jovens (BRASIL, 2015).

É possível notar que as significações e o uso do termo “violência” muito se diversificaram ao longo dos anos. Segundo Porto (2010) é preciso fazer a separação entre a noção de crime e violência, já que para ela a violência não se reduz ao crime, pois:

Crime traz subjacente uma certa ideia normativa da ordem social, atravessadas pelos limites ditados pela legalidade vigente. Isto é, pela nomeação dos comportamentos como criminalizáveis, passíveis de sanção penal (PORTO, 2010, p. 14).

Porto (2010) aponta que a dificuldade de definição desse fenômeno mostra o quão difícil é perceber os seus contornos conceituais, já que as suas fronteiras não são determinadas à priori. Completa ainda:

Violência ou Violências dizem respeito a um universo de fatos e de representações não do que a ordem social pode vir a ser, mas de como ela é vivida na experiência concreta dos indivíduos, em sua cotidiana luta pela existência e sobrevivência, tanto social quanto subjetiva (PORTO, 2010, p. 14).

Segundo a autora o uso do termo quase que de maneira banal, pode ser justificado a partir representações múltiplas, cuja identificação é complexa e que para qualquer tentativa de conceituação tem que, de forma compulsória, considerar tamanha complexidade. Quanto a busca de uma conceituação a respeito do fenômeno da violência é necessário separar os diferentes tipos de violência: a violência física e a violência simbólica, além da pretensão de legitimidade. No que diz respeito à pretensão da legitimidade ela é conferida ao Estado diante do seu poder do uso da força legítima, conferida como bases do Estado Moderno conforme lembra Weber (1980).

Uma definição mais ampla é dada pela Organização Mundial da Saúde e que busca relacionar as diversas dimensões desse fenômeno:

[...] o uso intencional de força ou de poder físico, na forma real ou de ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta, ou tem grandes chances de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, subdesenvolvimento ou privação (WHO, 2002).

Diante do exposto, Porto (2010) sintetiza o significado da violência como uma forma de manifestação de não cidadania, reconhecida pela dominação posta pela insegurança e o medo, mas também pode significar uma forma de sobrevivência. Bauman (2009) apresenta a violência, de forma implícita, como fenômeno natural da pós-modernidade, sendo a profunda verticalização das distribuições de renda, a exclusão irrevogável e a difusa polarização de dois meios sociais os agentes causadores da violência, que se acentuam cada vez mais com a sensação de medo e da insegurança. Ainda na sua abordagem, Bauman (2009) aponta que o crescimento da violência e da insegurança acaba que forçam as pessoas e as sociedades a abrirem mão das conquistas da democracia, das liberdades políticas e individuais em troca da garantia de que o Estado possa ter força para assegurar a preservação das integridades e do patrimônio dos indivíduos e grupos que se sentem ameaçados. Já Misse (2011), revoga ao termo violência o uso da força, sendo que há divergências sobre quem detém o poder do uso da força e sobre em que situação a força pode ser usada. Sob esta perspectiva, a violência passa a designar o emprego da dominação ou da força de

maneira não legítima. E o sujeito violento, é então, aquele que faz uso da força sem que tenha preponderância para tal. Saber quem define o sujeito da violência é, então, a incógnita.

Há duas características acerca do emprego da palavra violência, que, ao longo dos anos nunca se modificaram. São elas referentes a como se usa e a contra quem se usa a dita violência. Estamos sempre propensos a afastar de nós as qualificações conferidas ao sujeito violento, violento é sempre outrem.

Assim sendo, já dada a introdução teórica do conceito de violência ou violências, e sua complexibilidade é preciso avançar sobre explicações deterministas a respeito da violência. Busca-se o afastamento de relações quanto à classe social, supostos condicionamentos territoriais, nem a um único grupo social. Destaca-se a este imaginário o fato da rotinização e banalização da violência, que cada vez mais reforça o sentimento de insegurança, especialmente, nas grandes metrópoles. Porto (2010) lembra da tendência de se utilizar a violência como forma de resolução de conflitos e de organização de relações sociais, características estas, que são vivenciadas pela sociedade contemporânea.

Para a autora, alguns elementos perpassam as definições de violência, tais como a pluralidade ética e a hierarquização social, a diversidade de valores no contexto de competição com a crescente fragmentação social e o surgimento de grupos sociais cada vez mais autônomos além da expansão da violência no âmbito do Estado com o uso da força.

Assim, não se pode atribuir apenas uma explicação à violência, fato que torna mais complexa e importante a compreensão desse fenômeno partindo dos contextos sociais e políticos verificados em cada território.

3. REPRESENTAÇÕES E O SENTIDO DA VIOLÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Todo o contexto de transformações vislumbradas pela sociedade brasileira contemporânea refere-se ao processo de globalização e fragmentação socioterritorial que não foge à realidade verificada nas grandes e médias cidades latino-americanas, como já indicado por Santos (1993). A dimensão desse fenômeno e seus implicações foram indicadas por Bauman (2009) que considera: “as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização.”

Apesar dessa conjuntura é fundamental verificar que o fenômeno da violência na contemporaneidade é complexo, fato que dificulta a delimitação precisa das suas causas. Para Wieviorka (1997) a complexidade que permeia o contexto social relaciona a emergência de uma “violência social mais difusa”, com representações tão violentas quanto às práticas objetivas e que veem ocupar um espaço “[...] vazio deixado por atores e relações sociais e políticas enfraquecidas” (WIEVIORKA, 1997, p. 25). Para o autor, os velhos paradigmas da violência vista como “parteira” da história, deram lugar neste mundo contemporâneo a um novo paradigma da violência, relacionado as graves violações dos direitos humanos, ao terrorismo, ao crime organizado e as novas percepções sociais.

Assim, tentando compreender quais os sentidos da violência no Brasil atual, Porto (2010) detecta uma re-significação da violência no contexto social, que para ela era nomeada como acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras, como base de

regulamentação das relações sociais, mas que foram potencializada com o processo de redemocratização após o regime militar. A indicação da autora dá luz às dimensões reais da violência na atualidade, fato que faz Michaud (1978:101) pensar num mundo contemporâneo muito mais violento que no passado: “o que era brutalidade, rudeza, ordem normal da miséria ou da dominação, tornou-se insuportável.”

O ideário apresentado por Wieviorka (1997) apresenta a globalização como a condição para a emergência de novas representações e percepções relacionados à violência. Porto (2010) questiona as relações que poderiam ser pensadas entre este processo e o fenômeno da violência. Segundo ela as repercussões pautadas em função das transformações científicas e tecnológicas quando ressoadas em determinadas dimensões da vida social, nas quais foram estabelecidas com radicalidade, podem ser elas mesmas, uma forma de violência, afetando a sociedade em múltiplos aspectos e em diferentes esferas. Em segundo momento, as alterações profundas dadas entre a relação física e cultural e o espaço devido ao avanço da ciência e os novos procedimentos de difusão da informação, possibilitaram a emergência de uma nova dimensão, o mundo virtual. Com a emergência mais extrema do consumismo a realidade da violência passa a fazer parte do dia a dia, ou seja, “a própria violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação.” (PORTO, 2010, p. 48).

Vale destacar que também como representação, tem-se a multiplicidade da percepção da violência e que todo este contexto de consumo tecnológico é o que participa dos processos de resignificação social da violência, como Bauman (2009) diz: “a segurança pessoal tornou-se muito importante, talvez o argumento de venda mais necessário para qualquer estratégia de marketing.

Nesse sentido, as mudanças tecnológicas afetam igualmente o trabalho em suas dimensões simbólicas, ideológicas e valorativas, dimensões estas que definem as condutas e estilos de vida, já que possuem relações lógicas com as ressignificações da violência. No que se diz respeito a pluralidade valorativa há a mudança da natureza do social e, respectivamente, as formas de significação e manifestação da violência, pois tem-se a fragmentação sociocultural e ausência de representação unificada do social.

Buscando a caracterização dos novos sentidos da violência na sociedade contemporânea, verifica-se que a mesma possui contornos que a distinguem de suas formas tradicionais de manifestação. Estes contornos são vinculados a dois fatores segundo Porto (2010): a questão dos valores e a relação violência-legitimidade, que produz “um vazio de interações sociais”.

Para a autora a diferença da ordem privada e da esfera estatal e a sua insuficiência está vinculada aos novos sentidos da violência. A autora ainda descreve que a fragmentação social e a multiplicidade valorativa é cada vez mais produzida pela modernidade, necessitando de espaços de manifestação das diferenças e do conflito, dados como mecanismos de prevenção contra violência. Quanto aos espaços públicos, Bauman (2009) dissecou as implicações sociais da arquitetura que nasce com a cultura do medo, da incerteza e do risco. Segundo o autor as praças e os espaços urbanos de convívio social perdem a sua significação e são fortemente contestados pelas novas gerações, aquelas que, justamente, mais sofrem com esse próprio esvaziamento urbano.

Assim, para Bauman (2009) a representação social da alteridade é um importante mecanismo definidor da “sociedade da insegurança e do medo”. Segundo o autor o grande problema é que, dominados pelo individualismo moderno, os agentes promovem o fim dos laços sociais em busca de uma tentativa desenfreada de superar a insegurança em que imaginam viver. De acordo com Bauman (2009), o grande fenômeno responsável por estas sensações é a falta de relações sociais com o “outro”, o “estrangeiro”, e que somente a convivência diversa e democrática pode produzir o aprendizado social necessário para que os atores consigam conviver e, quem sabe, superar os riscos, o medo e a insegurança por eles mesmos construídos.

Porto (2010), em conexo com a abordagem apresentada de Bauman (2009), indica como é dado o uso da categoria exclusão social, onde os excluídos, na maioria das vezes, tornam-se alvos, ou atores, mais imediatos da violência e os protagonistas encontram-se em grupos sociais considerados como incluídos.

4. METODOLOGIA

Nesse sentido, o estudo fundamentou-se a partir de uma proposta teórico-metodológica que partiu do reconhecimento das características socioespaciais do município e a identificação das contradições inerentes ao processo de urbanização do Entorno do DF, a partir de indicadores socioeconômicos produzidos pelo Censo (2010) e Codeplan (2013).

A compreensão do sentido atribuído à violência na sociedade moderna foi abordado a partir de Wieviorka (1997) e Baumann (2009). Já a violência urbana no Brasil foi discutida a partir das proposições de Misse (2011), Porto (2010). A proposta metodológica deste trabalho está fundamentada nas indicações de Porto (2010) que entende qualquer representação passa pelo indivíduo. Dessa forma, para a compreensão e conceituação da Violência, deve-se partir do indivíduo, como escala micro, com foco para além do micro: a escala macro. Compreende-se que as múltiplas significações da violência referentes a diferentes narrativas e materializações em atos e fatos, o que implica diretamente nas políticas de segurança pública.

Para o reconhecimento do objeto de análise foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de um questionário objetivo aplicado a 309 alunos do campus, sendo 153 alunas e 156 alunos, sendo que apenas 30 desse universo possuem idade superior a 29 anos, sendo considerados adultos⁵. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 8 alunos. Estabeleceu-se como amostra 2 alunos de cada modalidade de ensino regular, respeitando a mesma proporção de brancos e negros. Foram portanto, 2 do técnico integrado integral, 2 dos cursos superiores e 2 da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

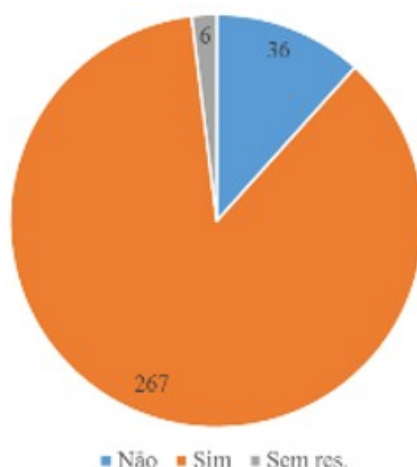
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados verificados por meio dos questionários indicam que a violência é uma preocupação para 86% dos alunos, mesmo que a maioria nunca tenha sofrido algum tipo, fato que confirma o cotidiano de insegurança, restrições e vigilância que a população vive. Quando

⁵ De acordo com a classificação da ONU a população jovem compreende indivíduos com a faixa etária entre 12 e 29 anos.

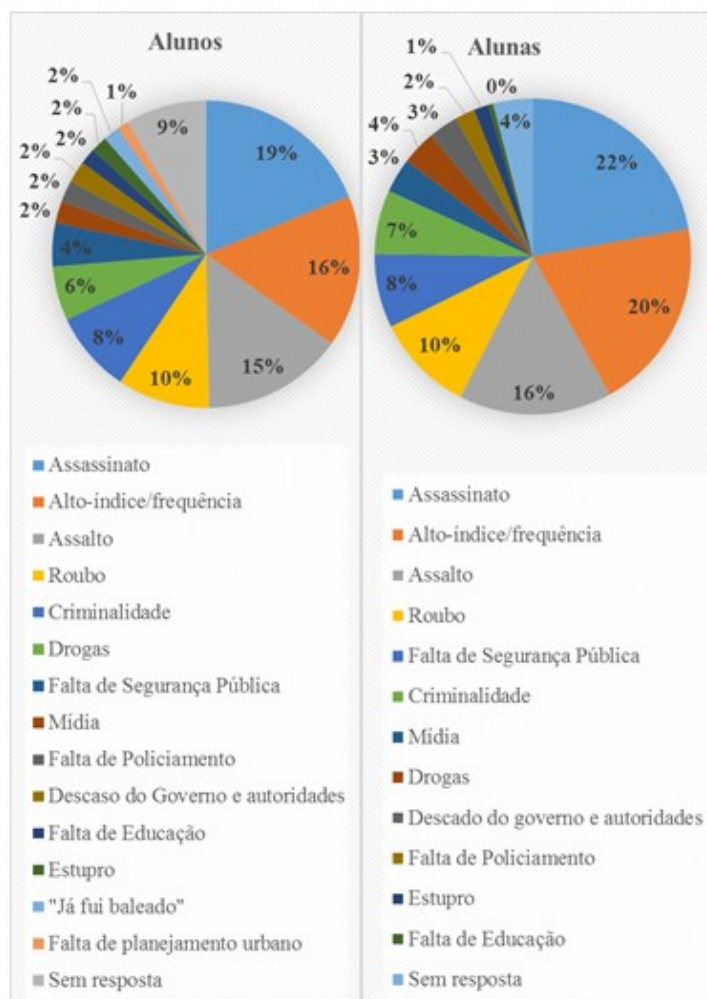
provocados pela pergunta “Luziânia é uma cidade violenta?”, observou-se que tanto as alunas quanto os alunos em sua maioria, apontaram Luziânia como cidade violenta, sendo o homicídio o principal fator responsável por esse cenário. Em segundo plano, em ambos os sexos, aparecem as ocorrências não letais, como o assalto e estupro. Apesar disso, quando analisados os dados dos dois grupos observa-se que entre as alunas, 13,7% não consideram Luziânia uma cidade violenta, já os alunos foram 10%. Para esse grupo apareceu sendo que 40% das mesmas não soubera explicar o porquê; 20% nunca presenciou; 25% considera um fenômeno natural independentemente da cidade; e 15% atribuíram à mídia o papel responsável desse imaginário social. Já os alunos apenas 10,5% disseram não consideram Luziânia uma cidade violenta, 19% nunca presenciaram situações violentas; 25% apontaram o aspecto midiático; e diferentemente das alunas, 12% deles apontam que Luziânia já foi violenta.

É possível perceber que parte dos alunos nunca presenciou qualquer ato de violência ou mesmo não sabem classificar esse fenômeno, mesmo assim reconhecem o município como violento. **Como explicar tal condição? A mídia!** Verificou-se que o imaginário social em torno da violência e insegurança da população na cidade é também reconhecido como proveniente de influências midiáticas, pois (73%) dos alunos e (80%) das alunas confirmaram esse aspecto quando perguntado. A mídia também foi lembrada mesmo quando não foi sugerida a sua relação, sendo que no caso das alunas ela aparece com maior frequência para confirmar o quadro. Sobre esse aspecto ela foi sugerida tanto pelo grupo que reconhece o cenário violento, quanto pelo grupo que não considera o município violento.



Organização: Autores

Gráfico 1: Corpo Discente e percepção da violência na cidade de Luziânia - Você considera Luziânia uma cidade violenta?



Organização: Autores

Gráfico 2: Motivos de considerar Luziânia uma cidade violenta

Essa questão pode ser entendida considerando os tipos de violência mais temidas por esses grupos e o efeito midiático lançado sobre eles. Essa percepção dos alunos pode estar relacionada ao sentido dado ao espaço público pelos alunos e a menor dependência das alunas desse itinerário, mas também pelas suas experiências frente a esse fenômeno, já que 58% indicou ter sofrido algum tipo de violência, enquanto para as alunas o dado representa 44% (Gráfico 1 e 2).

A compreensão dessa disparidade pode ser dada quando são analisadas as práticas de prevenção adotadas pelos grupos. Apesar da maioria dos pesquisados sinalizarem que adotam alguma medida de prevenção à violência em seu cotidiano, entre as alunas 82% das alunas indicaram maior cuidado a essa prevenção, ao passo que alunos somam apenas 69%. Esse dado pode ser justificado pela maior sensação de insegurança vivida por parte das alunas.

Para o grupo mais atingido (alunos), as modalidades que mais apareceram foram o assalto (42%), o roubo (21%) e a violência física (10%). Já para as alunas, houve o aparecimento de violência sexual (4%) e violência verbal (9%), além do assalto (57%) e o roubo (13%).

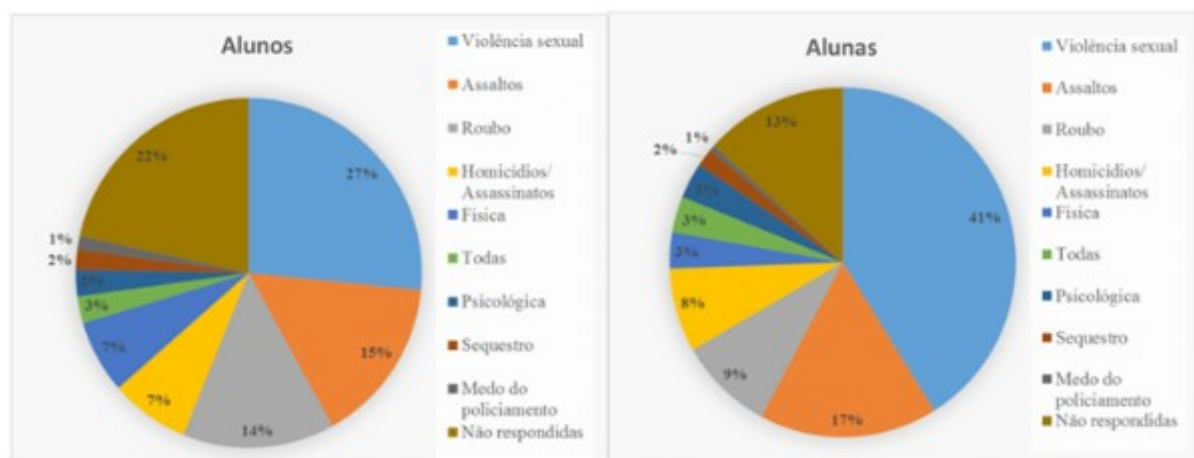
A relação entre violência e infraestrutura urbana é indicada nas representações lançadas a partir dos bairros indicados como mais violentos, percebe-se que tanto os alunos, quanto as alunas, pois foram lembrados os bairros estruturados: Jardim Ingá (25%), Setor Fumal (16%) e Serrinha/Setor Norte (14%). Destaca-se que essas áreas são consideradas de urbanização recente, apresentando espaços de expansão com urbanização incompleta e precariedade na oferta de serviços e infraestrutura urbana, mas também figuram como áreas com elevados indicadores de violência.

Outro dado que chama a atenção são as representações indicados pelos respondentes a respeito dos bairros lembrados como os mais violentos. Observou-se que há alguma dificuldade de indicar o seu próprio bairro como um território violento, já que mesmo quando indicados os respondentes acenam para os bairros vizinhos como mais violentos. Tal condição pode demonstrar a dificuldade dos mesmos em reconhecer a condição do seu bairro, reforçando a ideia das representações da alteridade. De maneira geral tanto os bairros do eixo tradicional, quanto da área das áreas de expansão foram lembrados, o que demonstra a dimensão desse fenômeno.

Quanto a esse ponto há **a notória diferença** entre a percepção de alunas e alunos. Enquanto para a maioria das alunas o bairro não é considerado violento (59%), para os alunos, o bairro é violento (57%).

Algo que se repete em ambos os grupos é o fator decisivo para a definição desse quadro em seus respectivos bairros **o tráfico de drogas** para 25% dos alunos e 31% das alunas, mas também lembraram a responsabilidade do Estado ou sua **ausência** nas suas diversas dimensões para a configuração desse cenário. Dentre os fatores lembrados estão: a falta de educação, de policiamento, infraestrutura urbana, desigualdade social e falta de governo. Esses aspectos somaram 45% e 48% respectivamente. Destaca-se também que 88% dos alunos diz não confiar nas forças de segurança. Em relação a confiança nas instituições de segurança pública, nota-se que a maioria (88% das mulheres e 77% dos homens) dizem não confiar. Apesar disso, o medo da polícia, não aparece como destaque de preocupação da população, que não confia na polícia, mas também não a teme.

Sobre as violências que mais causam medo às pessoas (gráfico 3), destaca-se a violência sexual (41% das alunas, 27% dos alunos) e assaltos (17% para as alunas, 15% para os alunos). Essas representações são dadas em função das marcas deixadas por tais violências na vida das pessoas, fato que relaciona a definição de violência para além do dano físico, incluindo o aspecto moral e psicológico. Assim, num contexto geral da pesquisa exploratória, nota-se que a violência se resume em 90% das respostas pelos crimes contra o patrimônio, como o assalto, o tráfico e os crimes contra a pessoa, principalmente o estupro. Quanto ao sentido atribuído à violência os questionários indicaram uma diversidade de elementos, que relacionam desde a violência física, psíquica, sexual, o patrimônio público e privado, a não garantia de direitos humanos. A maioria lembrou uma definição mais ampla que relaciona a violência na dimensão física e moral.



Organização: Autores

Gráfico 3: De qual tipo de violência você tem mais medo?

As entrevistas semiestruturada refletem o cenário de insegurança vivido pelos alunos e que resume a realidade do município, nota-se que das 8 pessoas entrevistadas apenas 2 pessoas atribuíram características unicamente positivas no que diz respeito a sua representação da cidade, sendo elas negras. De maneira geral todos indicaram o crescimento da cidade nas últimas décadas como responsável pelo aumento da violência, dado que é relacionado à falta de infraestrutura urbana e de serviços básicos, especialmente a educação e a segurança. Aparecem assim as ideias de “cidade sem administração”, “ruim”, “perigosa”, “cheia de estereótipos”, “bagunçada”. As representações que relacionam aspectos negativos referem-se à falta de serviços públicos e que incluem a violência como rebatimento:

“De uma forma ruim, tem muita violência, as pessoas não são educadas, há muita sujeira, o governo não investe em educação, investe mais em praças. Os hospitais são ruins, superlotados, precários. Definiria como falta de importância do Governo, ele deixa de lado” (aluna, 15 anos, branca).

Os dois entrevistados que acenam para um cenário de melhoria relacionam ao município aspectos também da infraestrutura, que para eles melhorou, contudo, a realidade violenta é mesmo assim confirmada:

*“Moro aqui a mais de 18 anos e acredito que mudou muita coisa. Principalmente na questão de estrutura: aumentou o número de casas, as ruas foram asfaltadas, teve um grande avanço. Dentre os aspectos negativos, a violência aumentou. Tenho que andar mais cauteloso por causa da **violência**, mas nos aspectos positivos, é bom para o lazer, com o avanço da estrutura.” (aluno, 25 anos, negro).*

O Estado nas entrevistas aparece como o principal agente responsável pelo cenário de violência, já que nas respostas foram lembrados como falta de estrutura urbana, segurança, educação, administração, saúde, oportunidades. Verificou-se que essa realidade é reconhecida pelos alunos como “descaso por parte do Governo”, condição que parece reforçar a insegurança e o medo no cotidiano da população. Observando as relações postas pelos entrevistados, parece

haver certa concordância no que se refere ao não crescimento da cidade proveniente da má gestão e da não aplicação de recursos por parte do governo local. Contudo, vale destacar que parte da responsabilidade atribuída de alguma forma ao município (prefeito) refere-se a competências federativas que podem ser compartilhadas a depender do serviço entre a União, o Estado de Goiás e o município de Luziânia. No que diz respeito à Segurança Pública as atribuições relacionadas como competência pelo Art. 144 da Constituição Federal no § 6º subordinam as polícias militares e civis aos estados, mesmo que o dispositivo no §8º possibilite aos municípios a criação de guardas civis municipais a sua atuação é limitada. Contudo, destaca-se que podem ser celebrados convênios entre os estados e os municípios a fim de garantir os investimentos da União para a segurança pública, condição que só depende da apresentação de projetos e de contrapartidas por parte desses entes. A criação da RIDE/DF⁶ possibilitou o estabelecimento de convênios entre a União, estado e municípios para os serviços públicos, incluindo a segurança pública, apesar disso, conforme apontado por Bortolo Pinto; Peluso (2014) as ações integradas na segurança pública resumem-se apenas às barreiras policiais e *blitz* junto às rodovias nos limites estaduais.

Tal sentimento de medo e insegurança pode ser percebido na maneira cautelosa a que todos submetem sua rotina, firmada na adoção de medidas de prevenção à violência. Entre as medidas estão: não sair durante a noite; não frequentar lugares perigosos, optando, sempre que possível por trajetos movimentados e bem iluminados; além de não carregar consigo pertences de valor. Assim, quando perguntados sobre o impacto provocado pela realidade violenta do município em sua rotina todos os entrevistados relacionaram alguma preocupação:

“Tive uma drástica mudança de hábito. Não se pode mais sair à noite, e as vezes até durante o dia, corremos o risco de ser assaltado. Regro a hora de sair, não fico muito tempo tarde quando estou fora de casa.” (25 anos, aluno, negro).

As práticas cotidianas também relacionam as experiências vividas pelos alunos, já que apenas 2 pessoas não foram assaltadas, enquanto as outras 6 foram assaltadas pelo menos uma vez. Quanto a violência sexual, apenas três pessoas chegaram a citá-la, sendo elas duas alunas (23 anos-negra e 15 anos-branca) e um aluno (17 anos-branco). De maneira a demonstrar o total sentimento de insegurança, uma das entrevistadas aponta estar traumatizada com todos os tipos de violência, chegando a temer seus próprios vizinhos. Por isso, quando perguntado sobre como ele imaginava que seria a rotina dos habitantes do município algumas falas sintetizam as sensação de insegurança presente:

“Aterrorizadas. Tanto no comércio, quanto na população de moradores. Hoje, há frequência de vermos os estabelecimentos com grades, tendo a tender pela grade, reforço a segurança. A cidade em si está aterrorizada” (aluno, 32anos, branco).

⁶ Lei Complementar n.º 94, de 19 de fevereiro de 1998, e regulamentada pelo Decreto n.º 7.469, de 04 de maio de 2011. **Distrito Federal; Municípios do Estado de Goiás:** Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa; **Municípios do Estado de Minas Gerais:** Buritis, Cabeceira Grande e Unai.

*“Medo. Ao anoitecer, já não vemos ninguém na rua. E de certa forma, promove uma solidariedade entre os vizinhos, para buscar meu irmão na parada, por exemplo.”
(aluna, 16 anos, branca).*

Sobre a rotina fica evidente de que maneira a rotina da população é definida pelo cotidiano violento, seja na escolha dos lugares de lazer, no uso do espaço público, o tempo de permanência que é limitado e todo envolto por uma auto vigilância constante. Todos indicam uma rotina marcada por estratégias criadas a fim de coibir ou prevenir as situações de violência.

Como possíveis soluções para a redução dos indicadores de violência do município é apontado pelos alunos: aumento do policiamento; investimento e incentivo à educação e cultura; ampliação das oportunidades por meio de investimentos em qualificação, de maneira que as pessoas possam ter melhores condições de vida; e a melhoria da infraestrutura urbana do município. Apenas um entrevistado lembrou a questão da impunidade sinalizando para a necessidade da revisão do código penal. A **Educação** é apontada pela maioria dos entrevistados como o caminho para a prevenção à violência, representação que pode estar calcada na realidade vivida atualmente por eles como alunos de uma instituição pública federal de ensino e as oportunidades vislumbradas em função dessa condição. Verificou-se que para os alunos a segurança pública passa necessariamente por estratégias de ostensividade das polícias, enquanto para as alunas a questão também está relacionada ao aparato policial, no entanto o primeiro olhar sempre indica a prevenção articulada à oferta de serviços públicos:

“Primeiro de tudo, deve-se investir em educação e qualificação, investir nas artes e na cultura, porque tudo isso melhora o ser humano. Segurança com o aumento de policiamento” (aluna, 23 anos, negra).

“Policiamento nas ruas, iluminação. O Estado tem a ver com o aumento dos indicadores de violência.” (aluno, 15 anos, negro).

A definição desse fenômeno pelos entrevistados relaciona as expectativas e experiência vividas em seu cotidiano, fato que confirma a complexidade que relaciona o fenômeno da violência na sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou a discussão de um tema que faz parte do cotidiano dos alunos e que tem marcado a vida de toda a população do município. Dessa forma, foi possível reconhecer as representações estabelecidas da população para com a sua cidade, sendo a segurança pública um importante elemento da construção desse cenário, condição que exige políticas públicas que possam reduzir os indicadores, mas também a sensação de insegurança. Para a maioria dos respondentes reconhece a segurança pública passa pela garantia de um espaço urbano com infraestrutura e serviços básicos suficientes para atender as demandas da população. O trabalho possibilitou às alunas reconhecer de maneira mais profunda as questões que cercam o fenômeno da violência indicado por seus colegas, fato que aproxima a teoria da prática e dá sentido a uma formação integral e humanizada.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORTOLO PINTO, Marizângela A. de; PELUSO, Marília. L. A metrópole e os territórios da violência: aproximações ao território da violência homicida no entorno do Distrito Federal. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XVIII, p. 1/29-18, 2014. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit//sn/sn-493/493-29.pdf>. Acesso em: 01 de fev. 2015.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 mar. 2014.

MISSE, Michel. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

PORTO, Maria Stella Grossi. A violência entre a inclusão e a exclusão. **Tempo Social, Rev. Sociologia**. USP, S. Paulo, **12**(1): 187-200, maio de 2000.

WIEVIORKA, M. O Novo Paradigma da Violência. **Tempo Social**, vol. 9 (1), 1997.
ORGANIZATION WORLD HEALTH ORGANIZATION. World Report on Violence and Health. Geneva, 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/9241545615.pdf>.

em: <endereço do site>. Acesso em: dia, mês (abreviado) e ano.